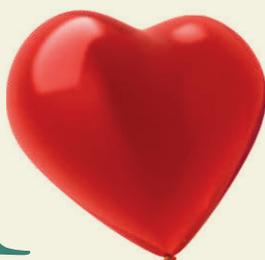


EMERSON EGGERICHS

AMOR



o que os pais mais desejam,

E RES-

do que os filhos mais precisam

PE  TO

na família

EMERSON EGGERICHS

AMOR E RESPEITO NA FAMÍLIA

O QUE OS PAIS MAIS DESEJAM,
DO QUE OS FILHOS MAIS PRECISAM

Traduzido por EMIRSON JUSTINO

MC
mundocristão
São Paulo

Sumário

<i>Agradecimentos</i>	9
<i>Com a palavra, a família Eggerichs</i>	11
<i>Introdução: A Conexão entre Amor e Respeito funciona na criação dos filhos?</i>	15
PARTE 1: O CICLO INSANO DA FAMÍLIA	
1. Se os filhos cooperassem, todos seríamos ótimos pais!	21
2. Interrompendo o Ciclo Insano da Família, passo 1: <i>Decodifique</i>	30
3. Interrompendo o Ciclo Insano da Família, passo 2: <i>Neutralize</i>	41
PARTE 2: O CICLO ENERGÉTICO DA FAMÍLIA	
4. Conceder: Nem pouco, nem muito	57
5. Usar de discernimento: Coloque-se no lugar deles	69
6. Instruir: Não muito. Apenas o suficiente de “coisas desse tipo”	82
7. Disciplinar: Confronte, corrija, conforte	92
8. Apoiar: Prepare seus filhos para que sejam bem-sucedidos e não desanimem	108
9. Rogar: Ore com a confiança de que Deus o ouve e fala com seus filhos	121
10. Trabalho em equipe: Como garantir o melhor para seus filhos	134
11. Criação de filhos em rosa e azul	147
PARTE 3: O CICLO RECOMPENSADOR DA FAMÍLIA	
12. A verdadeira razão para criar os filhos do jeito de Deus	163
13. Porque ele nos ama, aconteça o que acontecer, nós os amamos, aconteça o que acontecer	171

14. Cuidado com a “armadilha dos resultados”	181
15. Você é o único responsável pelo modo como reage	193
<i>Conclusão: Que tipo de legado você vai deixar?</i>	203
<i>Apêndice A: Princípios familiares de Amor e Respeito</i>	211
<i>Apêndice B: Listas de verificação quanto à prática de Amor e Respeito em seu modo de criar filhos</i>	215
<i>Notas</i>	218
<i>Referências bibliográficas</i>	223

Introdução

A Conexão entre Amor e Respeito funciona na criação dos filhos?

Todos nós já passamos por isso...

Estamos na fila do caixa do supermercado, lutando para tirar as compras do carrinho enquanto nosso filho de 5 anos (isto é, com idade suficiente para saber das coisas) tem um ataque de nervos porque dissemos que não lhe compraríamos uma barra de chocolate. Para piorar as coisas, já deitado no chão aos chutes e gritos, Júnior berra em volume suficiente para que o açougueiro cortando bifes no balcão do fundo do mercado possa ouvir: “Você não gosta de mim!”.

Envergonhados, pegamos a criança no colo e dizemos alto e bom som em seu ouvido: “Rapazinho, você está sendo muito mal-educado. Levante-se e pare com isso. Agora!”. É claro que tal atitude apenas intensifica os gritos do garoto e, na hora em que sairmos pela porta da frente, estaremos totalmente constrangidos, derrotados e desanimados... de novo.

O que realmente está acontecendo nesse caso, além do fato de Júnior não ter conseguido o que queria? Por que as coisas saem do controle tão depressa?

O mesmo acontece quando Kelli faz 18 anos e quer a chave do carro, mas papai e mamãe dizem: “Esta noite não, Kelli. Sinto muito”. A moça retruca, dizendo algo como: “Não acredito nisso! Vocês não se importam comigo. Preciso do carro! Vocês disseram que eu podia dirigir! Esta família me odeia!”.

Tais expressões sobre não ser amado, não receber a atenção dos pais ou mesmo ser alvo do ódio dos familiares têm sido usadas por filhos e filhas desde

o início dos tempos. Nossa prole parece ter nascido com a habilidade de nos manipular quando não consegue o que quer, mas será que as reclamações são sempre manipulação? E se uma criança realmente não se sentir amada? Às vezes é difícil separar as coisas.

Todavia, situações como as que descrevemos levam papai e mamãe a pensar por que o filho não aceita um “não” razoável como resposta. Em momentos assim, os pais se sentem desconsiderados e desrespeitados. Por que isso acontece tantas e tantas vezes?

Quero apresentar-lhe uma estratégia para criar seus filhos, seja qual for a idade deles. A fim de ajudá-lo a elaborar essa estratégia, seguem dois princípios básicos a serem compreendidos e aplicados a todas as idades e estágios:

1. Os filhos precisam de amor.
2. Os pais precisam de respeito.

O relacionamento entre pais e filhos é tão fácil, e tão difícil, quanto amar e respeitar.

Ao se ver frustrado diante de uma criança que não obedece, o pai não declara: “Você não me ama!”. Em vez disso, conclui: “Você está sendo desrespeitoso”. Pai e mãe precisam sentir-se respeitados, especialmente durante os conflitos. Quando chateado, o filho não resmunga: “Você não me respeita”. Em vez disso, fecha a cara e diz: “Você não me ama”. O filho precisa sentir-se amado, especialmente durante as discussões.

A boa notícia é que, quando se sentem amados, os filhos são motivados a reagir positivamente a seus pais, enquanto estes, sentindo-se respeitados, são energizados a ter uma afeição amorosa por seus filhos. Se essas necessidades são satisfeitas, coisas boas acontecem na família.

É claro, porém, que o oposto acontece com muita frequência. Um filho não amado reage negativamente, de uma maneira que parece desrespeitosa ao pai. O pai que se sente desrespeitado reage negativamente, de uma forma que parece desamorosa ao filho. Podemos dizer que toda ação negativa na família implica uma reação negativa igual e oposta. Essa dinâmica dá origem ao Ciclo Insano da Família: sem amor, o filho reage sem respeito; sem respeito, o pai reage sem amor.

A Bíblia aborda essa necessidade de amor sentida pelo filho e a necessidade de respeito experimentada pelos pais? Sim.

Os pais desejam o respeito que as Escrituras afirmam claramente lhes ser devido, e precisam dele. “Honra teu pai e tua mãe” (Êx 20.12) é uma das muitas passagens em que os filhos são instruídos a honrar e respeitar seus pais. E os filhos desejam o amor e a compreensão que as Escrituras ensinam que os pais devem lhes dar, e precisam deles. Tito 2.4, Efésios 6.4 e Colossenses 3.21 são apenas alguns exemplos em que as responsabilidades dos pais são mencionadas e descritas.

Ao pesquisar as Escrituras, encontrei algo que serviria bem a muitos pais, algo que até mesmo revolucionaria o relacionamento entre pais e filhos. Mas uma coisa é ter uma teoria teológica; outra bem diferente é fazê-la funcionar, especialmente na severa provação diária que é a criação de filhos. Como todo pai e toda mãe sabem, filhos — de crianças de colo a adolescentes — nem sempre são respeitosos ou honrosos, e nem sempre é fácil ser amoroso diante do filho que se mostra desrespeitoso. O desafio evidente é: como mostrar amor a um filho em idade pré-escolar, sobretudo quando ele resolve dar chique bem no meio da fila do caixa do supermercado, fazendo que nos sintamos humilhados e desrespeitados? Ou, ainda, como um pai lida com a filha adolescente que grita: “Você é o pior pai do mundo” enquanto faz um drama digno de peça da Broadway?

“Ele fará com que os corações dos pais se voltem para seus filhos, e os corações dos filhos para seus pais; do contrário, eu virei e castigarei a terra com maldição” (Mt 4.6).

Enquanto criávamos três filhos, Sarah e eu passamos por isso muitas vezes. Lembro-me bem como é vencer uma batalha mas, ao mesmo tempo, perceber que poderia estar perdendo a guerra. Como pais, Sarah e eu não somos perfeitos. Veja a história a seguir, narrada por ela.

Certo dia, enquanto eu conversava com Jonathan, meu filho mais velho, ele disse: “Mamãe, você queria uma família perfeita e não conseguiu!”. Fiquei surpresa. Eu nunca dissera isso, mas obviamente havia comunicado aquela verdade de modo não verbal. Tendo crescido num lar disfuncional e determinado a fazer as coisas de modo diferente, percebi, naquele momento, que desejava algo impossível de obter. Mais tarde, lágrimas me encheram os olhos quando, sozinha, refleti sobre as palavras de meu filho. Era comum eu pedir a Deus que

compensasse meus erros, mas, em contrapartida, será que não estava pedindo que ele me desse filhos perfeitos? Como você lerá neste livro, não somos pais perfeitos, nossos filhos não são perfeitos e não existe família perfeita! Anime-se... Estamos todos no mesmo barco!

Durante a fase de pesquisa para a elaboração deste livro, procurei em toda a Bíblia, de Gênesis a Apocalipse, passagens pertinentes à criação de filhos... e encontrei muitas. Compartilho esses textos com você e dou muitas ilustrações pessoais — coisas que aprendi com meus erros e acertos. E eu lhes garanto que meus filhos adultos, hoje na casa dos trinta anos, assinaram embaixo de tudo que compartilho aqui: as partes boas, as ruins e as feias!

Sendo assim, qual é a estratégia?

Este livro trata do poder transformador do amor e do respeito entre pais e filhos.

Você aprenderá a:

- Perceber que o amor e o respeito são necessidades básicas da família.
- Interromper o Ciclo Insano da Família.
- Criar filhos com base em seis parâmetros bíblicos, resumidos no acrônimo C-U-I-D-A-R, que vão energizar seus filhos.
- Disciplinar o desacato e ignorar a infantilidade.
- Ser a pessoa madura da relação, uma vez que criar filhos é tarefa reservada apenas a adultos.
- Trabalhar em equipe, levando em conta o gênero da criança.
- Ser amoroso aos olhos de Deus, seja qual for a reação de seu filho.

Criar filhos é um empreendimento de fé. À medida que os criamos “para Cristo”, sabemos que “o Senhor recompensará cada um pelo bem que praticar” (Ef 6.8).

Talvez você seja como muitos pais com quem tenho conversado, que se sentem derrotados e prontos para desistir. Escrevi este livro para ajudar você a aguentar firme. Se seus filhos são pequenos, ainda há muito pela frente; se são adolescentes, você ainda tem bastante tempo para melhorar seu relacionamento. E, se já são crescidos, estas verdades são atemporais, uma vez que a condição de pai e mãe é permanente.

A Conexão entre Amor e Respeito pode, e de fato irá, funcionar na família. Deixe-me mostrar por que... e como.

O Ciclo Insano da Família



Como pai, notei algumas coisas interessantes nas Escrituras. Por um lado, vi o mandamento dado aos filhos para que *honrem* pai e mãe. Por outro, porém, não existe um mandamento para que eles *amem* pai e mãe.

De maneira similar, vi que os pais não recebem ordem para *honrar* seus filhos, mas são ordenados a *amá-los* (cf. Tt 2.4). O “amor” citado nessa passagem é *phileo*, o amor fraternal, mas não há mandamento para que os pais devam aos filhos o amor *ágape*, isto é, o amor incondicional de Deus.

Concluí que Deus colocou o amor ágape no coração dos pais em benefício do filho.¹ Contudo, embora esse amor seja naturalmente do tipo ágape, o pai, quando está frustrado ou irado, pode parecer não amigável e, então, o filho pode não se sentir amado. Assim, o filho reage negativamente, de uma maneira que parece desrespeitosa ao pai.

Lá está ele: o Ciclo Insano da Família! Quando não se sentem amados, os filhos tendem a reagir de uma maneira que parece desrespeitosa ao pai. E, quando se sentem desrespeitados, os pais tendem a reagir de uma maneira que parece desamorosa ao filho. E o ciclo vai se repetindo, continuamente, às vezes o dia inteiro... a não ser que algo seja feito para interrompê-lo.

Nos três primeiros capítulos, aprenderemos como perceber ocasiões que promovem o Ciclo Insano da Família. E, possivelmente o mais importante: compartilharei algumas estratégias para neutralizar tais situações antes que elas se tornem um giro completo para dentro da insanidade.

1

Se os filhos cooperassem, todos seríamos ótimos pais!

Era um dia quente durante o verão de 1986. Voltávamos para casa em nossa *van*, ao final de um período de férias refrescantes e agradáveis. Tudo se mostrava calmo enquanto nos deleitávamos na alegria de poder estar juntos — até os últimos trezentos quilômetros. De repente, Jonathan (10 anos), Davi (8 anos) e Joy (4 anos) começaram a discutir sobre isto e aquilo e, a despeito de nossos pedidos do tipo “Parem já com isso”, as batalhas verbais continuaram até que estacionamos em um parque para fazer um lanche. Nossa esperança era que a disputa acabasse, mas aparentemente isso não iria acontecer. Jonathan continuou a perturbar Joy, e David simplesmente resmungava com os dois. Finalmente, quando os decibéis e a tensão alcançaram níveis elevados demais, Sarah se cansou. Levantou da mesa de piquenique e anunciou: “Eu desisto!”. Então, simplesmente saiu e foi até outra mesa para ficar sozinha. Naquele instante, cerquei as crianças e as levei ao banheiro.

Ainda sentada, Sarah notou um grupo de motoqueiros que havia parado para descansar à sombra e beber um pouco. Ela viu aquelas pessoas com tatuagens, coturnos e coletes *jeans* subirem em suas motos, ligarem os motores e então saírem rapidamente. Naquele momento, ela pensou: “E se eu simplesmente dirigisse rumo ao pôr do sol e deixasse esse fardo da criação de filhos para trás?”. Sarah não queria de fato abandonar a família, mas sentia-se tão desanimada em sua condição de mãe que chegou àquele pensamento fugaz e irracional — e aquilo a assustou.

Voltei com as crianças, coloquei-as na *van* e fui até Sarah; então, ela começou a compartilhar seus sentimentos. Em resumo, ela havia chegado ao limite.

Olhando para longe, permanecemos em silêncio por um tempo que pareceu uma eternidade (durou provavelmente cerca de um minuto). Era hora de o homem da família falar. Eu queria tentar aliviar a situação com um pouco de humor e dizer algo do tipo: “Nem ouse ir embora sozinha! Me leve com você!”. Mas a expressão no rosto de Sarah me impediu de fazer isso. Quietos e extenuados, voltamos para o carro. Pude ver que ela estava realmente ferida no fundo da alma. Com os ombros caídos e lágrimas nos olhos, disse: “Simplesmente não está funcionando. Me sinto um enorme fracasso”.

Tentei dizer algumas palavras de conforto, mas ela estava entorpecida. Naquele momento, minha esposa se sentia completamente derrotada; e, verdade seja dita, eu também experimentava algo muito parecido.

Recentemente, conversamos sobre aquele episódio e Sarah confessou: “Com exceção de você, nunca mencionei essa história a nenhum de meus amigos até pouco tempo atrás. Sentia-me culpada demais por ter chegado ao extremo de cogitar desistir”.

Tenho certeza de que você tem histórias semelhantes a essa do Ciclo Insano da Família Eggerichs. Lembro-me de uma jovem mãe que compareceu a uma palestra sobre o Ciclo Insano da Família. No final, essa jovem veio até a frente e me disse que naquele dia as coisas haviam ficado realmente insanas com seus três filhos e que, no meio de toda a confusão, ela perguntara ao filho de 9 anos, um dos principais transgressores: “Você quer conhecer Jesus?”. Antes que ele pudesse responder, ela acrescentou: “Porque, se você não parar com isso, você *vai vê-lo* agora mesmo!”.

É claro que aquela mãe não estava planejando nada drástico, mas ela se via no limite do limite e precisava dizer algo que deixasse isso claro, assim

As crianças nem sempre põem em prática o que diz Provérbios 23.25: “Bom será que se alegrem seu pai e sua mãe e que exulte a mulher que o deu à luz!”.

como Sarah se sentira durante a fração de segundo em que cogitou montar em uma Harley-Davidson e deixar a família na poeira. Todos nós sabemos como é esse sentimento. Se as crianças cooperassem, tudo seria muito fácil. Mas todo pai e toda mãe sabem que as coisas não são assim tão simples. Com muita frequência, os pais não conseguem imaginar o que de fato está acontecendo quando um filho se comporta

mal, e parece que, não importa o que façam, tudo faz a criança se comportar ainda pior.

Sendo assim, qual é minha sugestão? Primeiro, seja o que for — uma disputa grande ou pequena, uma explosão dramática ou talvez uma choradeira que simplesmente não cessa —, não tenha medo de admitir: “O Ciclo Insano da Família está começando a girar”.

Preste atenção no diagrama do Ciclo Insano da Família apresentado no início da Parte 1: sem amor (ou sem aquilo que entende por amor), seu filho reage negativamente. Quando ele não coopera ou se comporta mal, você se sente desrespeitado. Com isso, você pode (e em geral é o que acontece) reagir negativamente, de uma maneira que parece ainda mais desamorosa ao seu filho. Então, é natural que ele reaja piorando o comportamento desagradável: o choro manhoso, a demora em executar alguma coisa... enfim, tudo que puder fazer para que você saiba que ele não está se sentindo amado — e isso vai piorando cada vez mais.

Em relação àquela nossa viagem de férias, não creio que as crianças não estivessem se sentindo amadas; elas estavam simplesmente sendo crianças que haviam ficado presas dentro de um carro por tempo demais. Eram irmãos em um conflito típico: Jonathan queria ler seu livro, Joy queria a atenção de Jonathan, Jonathan ficou irritado porque Joy não o deixava em paz. David se aborreceu porque estava tentando desenhar, mas Joy batera no cotovelo dele e estragara o desenho.

O problema foi que eles não responderam a nossos insistentes esforços de fazê-los parar. Sarah e eu nos sentimos desrespeitados e não tínhamos muita certeza de como lidar com a situação. Quando as crianças não dão ouvidos aos pais, eles se sentem desrespeitados.

Desde aquela viagem, descobrimos que existem três perguntas a fazer quando o Ciclo Insano da Família começa a rodar:

1. Meu filho não está se sentindo amado?
2. Estou me sentindo desrespeitado?
3. Como poderei criar meus filhos do jeito de Deus, aconteça o que acontecer?

Nesta seção sobre o Ciclo Insano da Família, analisaremos as duas primeiras perguntas. A terceira e importantíssima pergunta será avaliada nas Partes 2, “O Ciclo Energético da Família”, e 3, “O Ciclo Recompensador da Família”. Sendo assim, vamos escavar um pouco mais fundo a fim de investigar quando

e por que um filho pode deixar de sentir-se amado e quanto e por que vocês, pais e mães amorosos, podem sentir-se desrespeitados.

Em relação à primeira pergunta, “Meu filho não está se sentindo amado?”, quero enfatizar que, em muitos casos, a criança não necessariamente sente falta de amor. É possível que ela esteja agindo mal por irresponsabilidade ou egoísmo infantil, ou mesmo por pura provocação. Ela está infeliz por não conseguir o que quer e age com o intuito de que você saiba disso. Em contrapartida, há momentos em que, do ponto de vista do filho, falta um pouco de amor ou pelo menos alguma atenção. Ele pode estar demonstrando isso de maneira infantil e atrapalhada, mas tudo que ele quer é amor. Você é a principal fonte de amor dele. Ele precisa desse amor e, de uma forma ou de outra, o buscará.

Deixe-me ilustrar. Um dia, quando tinha quase 5 anos, Joy estava choramingando, afirmando que agia daquele jeito por estar doente. Queria que me deitasse com ela e, embora eu tivesse de trabalhar na preparação de um sermão, deixei a irritação de lado e decidi atendê-la, pelo menos por alguns minutos. Enquanto estávamos deitados ali, ela disse:

— Me dá um abraço.

Eu respondi:

— Então é isso o que você quer. Você só precisa de um pouco de amor.

Nunca vou me esquecer da resposta que ela deu:

— É claro que sim, e você devia saber disso.

Dei-lhe um abraço — vários, na verdade — e ela foi instantaneamente “curada”. Alguns minutos depois, e bem feliz, saiu correndo para brincar.

Naquele dia, aprendi uma coisa que me ajudou em muitas outras ocasiões enquanto criava Joy e seus dois irmãos, David e Jonathan. Aprendi a importância de fazer a primeira pergunta: “Meu filho não está se sentindo amado?”.

*“Toda criança é rebelde
e desobediente por
natureza”
(Pv 22.15, NBV).*

Mas também comeci a compreender outra pergunta que se formava em minha alma durante aqueles primeiros anos: “Estou me sentindo desrespeitado?”. Era comum eu me sentir afrontado, mas não estava seguro da legitimidade de tais sentimentos, já que eu deveria ser o adulto maduro. Fiquei pensando se não estava sendo simplesmente egoísta e melindroso. Talvez as crianças estivessem apenas agindo como crianças, e eu, por minha vez, estivesse concentrado demais em mim mesmo, além de estar sendo muito sensível.